

ANGÚSTIA ACERCA DOS DILEMAS ÉTICOS NUMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

ANXIETY ABOUT THE ETHICAL DILEMMA IN EXISTENTIAL-PHENOMENOLOGICAL PERSPECTIVE

Alexandre Trevisan Nicolli¹

Rafael Osório Cavalli¹

Larissa Ogura²

NICOLLI, A. T.; CAVALLI, R. O.; OGURA, L. Angústia acerca dos dilemas éticos numa perspectiva fenomenológico-existencial. **Akrópolis** Umuarama, v. 22, n. 2, p. 109-124, jul./dez. 2014.

RESUMO: O presente artigo busca refletir sobre a angústia que se apresenta às pessoas frente aos dilemas éticos do dia-a-dia e buscar formas pelas quais o psicólogo pode intervir para auxiliar sujeitos com essa dificuldade. Tendo como ponto de partida uma pesquisa bibliográfica com leitura fenomenológico-existencial com o objetivo de definir conceitos de ética e moral, o que é a angústia e como tais dilemas se apresentam. A partir disso, será elucidado o porquê de tais dilemas causarem angústia, baseando-se nas ideias existencialistas de Sartre sobre liberdade, escolha e projeto de vida. Apropriar-se-á das ideias sobre ética de diferentes autores para então definir como se apresentam os dilemas éticos para cada ser. Num segundo momento foi realizada uma pesquisa de campo, apresentando às pessoas situações de dilemas éticos para entender como elas fazem suas escolhas e por que surge a angústia, também buscando saber se a causa desta é realmente ética ou de uma moral internalizada e inquestionada. Ao concluir como funciona o processo de angústia nos dilemas éticos, este artigo contribui para o repertório teórico da Psicologia e auxilia os psicólogos a buscar formas de intervenções clínicas para essas situações.

PALAVRAS-CHAVES: Ética; Angústia; Escolhas.

ABSTRACT: The present paper seeks to muse about the anxiety that affects people when faced with ethical dilemmas of daily life, and looks for ways by which psychologists can intervene to help subjects with this hardship. A phenomenological-existential bibliographic research is the starting point for defining ethics and moral concepts, defining anxiety and how such dilemmas are presented. Working from that, the paper clarifies the reason why such dilemmas cause anxiety, based on Sartre's existentialist ideas of freedom, choice and life project. It shall take ownership of the ideas about ethics from different authors to define how ethical dilemmas are presented to each human being. Following, a field research was performed, presenting ethical dilemma situations for people to understand how they make their choices and why anxiety emerges, also seeking to know if its cause is ethical or from an internalized unquestioned moral. By concluding how the process of anxiety in ethical dilemmas works, this article contributes to the theoretical repertoire of psychology and helps psychologists in seeking ways for clinical interventions in these situations.

KEYWORDS: Ethics; Anxiety; Choices.

¹Discentes do Curso de Psicologia UNIPAR – Cascavel/PR. Alexandre: Rua Dr. Sandino Erasmo de Amarin, n. 1405 – Jardim Maria Luíza, Cascavel-PR. Rafael: Rua Mato Grosso, n. 2402 – ap. 111 – Centro, Cascavel-PR.

²Docente Especialista do curso de Psicologia da Unipar, Rua Nereu Ramos, n. 2651 – ap. 24 – Centro, Cascavel-PR. laraogura@unipar.br

INTRODUÇÃO

Segundo Chaui (2000, p. 437):

A palavra costume se diz, em grego, *ethos* – donde, ética – e, em latim, *mores* – donde, moral. Em outras palavras, ética e moral referem-se ao conjunto de costumes tradicionais de uma sociedade e que, como tais, são considerados valores e obrigações para a conduta de seus membros. [...] No entanto, a língua grega possui uma outra palavra que, infelizmente, precisa ser escrita, em português, com as mesmas letras que a palavra que significa costume: *ethos*. Em grego, existem duas vogais para pronunciar e grafar nossa vogal e: uma vogal breve, chamada *epsilon*, e uma vogal longa, chamada *eta*. *Ethos*, escrita com a vogal longa (*ethos* com *eta*), significa costume; porém, escrita com a vogal breve (*ethos* com *epsilon*), significa caráter, índole natural, temperamento, conjunto das disposições físicas e psíquicas de uma pessoa. Nesse segundo sentido, *ethos* se refere às características pessoais de cada um que determinam quais virtudes e quais vícios cada um é capaz de praticar. Refere-se, portanto, ao senso moral e à consciência ética individuais.

Numa simples ação ou num mero diálogo podem estar compreendidas variadas concepções éticas referentes ao dilema ético, a partir das quais são propostos os meios convencionalmente corretos de lhes tratar, que, aliás, nem sempre correspondem com os anseios e expectativas de que se mune aquele que as trata enquanto busca o próprio bem, podendo gerar um conflito de valores, em que a pessoa, envolvida no dilema de ter que escolher entre o que é ético e o que é bom para si, percebe-se impossibilitada de satisfazer ambas as demandas e vivencia a angústia da contradição de sua escolha.

Por esta razão, à luz de obras de Kant, Sartre e Erthal, remete-se o presente trabalho à análise do conceito de ética, de liberdade, de angústia e do que as pessoas consideram bom para si, além, inclusive, da correlação entre ambas, mediada na hipótese dos possíveis danos psicológicos decorrentes das divergências que se podem apresentar ao indivíduo que as experimenta.

Neste artigo, tem-se o intuito de enriquecer literaturas familiares à problemática apurada, concernentes à intervenção psicológica,

com informações que subsidiem tratamentos destinados ao auxílio do indivíduo frente a essas questões, para o esclarecimento do que for necessário à decisão que o mobiliza, decisão que o interpela a fazer uma escolha.

De uma forma geral, pode-se dizer que Kant (1959) propõe uma ética fundamentada nos três princípios do Imperativo Categórico, que determinam o conceito do dever. Kant (1785) ressalta ainda que a liberdade se encontra na escolha do dever, em detrimento dos instintos naturais.

Enquanto para Sartre (2011) não existe uma essência universal do homem, sendo ele, portanto, uma totalização sem síntese final, que pode transcender as situações em rumo aos seus possíveis, tendo total autonomia de escolha.

Erthal (2013) descreve que o psicólogo deve ser autocongruente, transparente, sensível às relações humanas e envolver-se com o cliente como pessoa total, para que o sujeito seja livre a experimentar o seu próprio ser. A psicoterapia existencial busca aumentar o potencial de escolha, ajudar o cliente a se responsabilizar pelos riscos de suas ações, utilizar suas capacidades e se autogerir.

OBJETIVOS

Geral

Compreender como e por que surge a angústia no processo de escolha nos dilemas éticos e como o psicólogo pode intervir para auxiliar as pessoas nessas situações.

Específicos

Definir o que é ético e o que é moral.

Entender como as pessoas fazem escolhas e a partir de qual pressuposto elas consideram bom para si.

Buscar a origem da angústia num dilema ético, e se a causa é de natureza moral irrefletida ou ética.

Identificar formas de intervenção para o psicólogo auxiliar pessoas que sofrem com o dilema ético.

METODOLOGIA DA PESQUISA

No momento da efetivação desta pesquisa, foi desenvolvido um vasto material para fundamentar este estudo, por meio de levantamento bibliográfico em livros, revistas e artigos da internet.

De acordo com Rampazzo (2005), a pesquisa bibliográfica procura explicar um determinado assunto com base em referências bibliográficas já publicadas, sendo que qualquer tipo de pesquisa supõe e exige uma prévia acerca do estudo a ser realizado.

Será efetivado também, com o levantamento de pesquisa de campo, apresentando situações baseadas nos livros “O porco filósofo”, “Convite à Filosofia” e “Justiça: O que é fazer a coisa certa”, o aprofundamento nos dilemas éticos, o que se entende por ética, o sofrimento que causam para o sujeito e como podemos amenizar este sofrimento, que pela compreensão de Sartre (2011) é inerente a existência humana e que é decorrente das escolhas.

Para, foram aplicados dois questionários, um quantitativo (ANEXO A) para um público de trinta pessoas e um qualitativo (ANEXO B), sendo aplicado em dez pessoas.

As pessoas envolvidas na pesquisa foram escolhidas de forma aleatória, tanto do sexo masculino como do sexo feminino e que tenha pelo menos o segundo grau completo para um melhor entendimento dos dilemas éticos. Para sua participação ser convalidada será assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informando que os dados serão utilizados na pesquisa, preservando a identidade dos participantes.

Compreende-se que o questionário é um instrumento muito utilizado para coletar dados, pois permite medir com êxito o que se deseja. De forma global, o questionário refere-se a um meio de obter respostas às questões por um método que o próprio informante preenche. Ele apresenta questões que estão logicamente relacionadas com um problema central.

Isto feito, o trabalho tem o direcionamento aos conceitos já existentes, buscando assim compreender a melhor forma para auxiliar a busca de um indivíduo a extinção de um sintoma em determinada situação.

MORAL E ÉTICA

Conforme Chauí (2000), o estudo da ética necessita partir do entendimento dos juízos: o juízo de fato é aquele que enuncia um acontecimento, enquanto o de valor é aquele que interpreta e avalia o acontecimento. Portanto, os juízos morais são de valor, pois, como explica Vázquez (2013), pressupondo normas de como se deve agir, aprovam ou desaprovam os atos dos homens ao se afrontarem com problemas práticos, o que define o campo da prática moral. Quando surge uma reflexão sobre esta, surge a teoria moral, entra-se na esfera dos problemas teóricos morais ou éticos. Essa não resolve as situações práticas da vida, apesar de influenciá-las de uma maneira geral por meio de seus enunciados, seu foco na verdade é a investigação e explicação da experiência moral, considerado em sua totalidade, diversidade e variedade, portanto suas afirmações sendo verdadeiras em qualquer época e cultura. Isso significa também entender que os princípios e normas morais variam historicamente, e que não é papel da ética formular normas morais universais.

Chauí (2000) complementa que o núcleo da moral é o valor do bem ou do bom, de onde se desdobram os demais valores (como justiça, honradez, espírito de sacrifício, integridade, generosidade), os sentimentos provocados pelos valores (admiração, vergonha, culpa, remorso, contentamento, cólera, amor, dúvida, medo, etc.) e as decisões que conduzem a ações com consequências para nós e para os outros. Por sua vez, a escolha entre o bom e o mau ou entre o bem e o mal está ligada ao desejo humano de afastar o sofrimento e alcançar a felicidade. E a simples existência dessa moral não implica que também exista uma ética, ou seja, uma reflexão acerca do significado dos valores morais.

Vázquez (2013) afirma que os problemas éticos fundamentais incluem definir o que é bom, esclarecer as práticas morais diferentes entre os povos, definir os traços essenciais do comportamento moral em oposição a outros comportamentos, resolver a questão da responsabilidade, entre outros. Compreende-se então que a ética não cria a moral, não estabelece normas ou regras, mas se depara com um fenômeno moral existente e procura determinar sua essência, origem, condições, critérios de justificação de juízos morais, etc.

O autor ressalta ainda que a ética deve

seguir o rigor, a coerência e a fundamentação científica, ao contrário dos juízos morais, que podem até ser anticientíficos, mas é possível existir uma moral compatível com a ciência e neste ponto a ética pode servir para fundamentar uma moral.

Chauí (2000) explica que o estudo dessa ética inicia-se, no Ocidente, com Sócrates. Ele percorria as ruas de Atenas, questionando as pessoas sobre os valores que guiavam suas vidas, ideias e ações. Ele constatou que os atenienses não pensavam no que diziam, eles apenas repetiam os ensinamentos que recebiam desde a infância, e como cada um tinha sua própria interpretação acerca dos ensinamentos, muitas respostas se contradiziam entre elas. Sócrates questionava:

O que é a coragem? O que é a justiça? O que é a piedade? O que é a amizade? A elas, os atenienses respondiam dizendo serem virtudes. Sócrates voltava a indagar: O que é a virtude? Retrucavam os atenienses: É agir em conformidade com o bem. E Sócrates questionava: Que é o bem? [...] Como e por que sabiam que uma conduta era boa ou má, virtuosa ou viciosa? Por que, por exemplo, a coragem era considerada virtude e a covardia, vício? Por que valorizavam positivamente a justiça e desvalorizavam a injustiça, combatendo-a? Numa palavra: o que eram e o que valiam realmente os costumes que lhes haviam sido ensinados? (CHAUÍ, 2000, p. 436)

A autora afirma que nesses diálogos, as pessoas costumavam irritar-se ou sentirem-se envergonhadas, porque elas confundiam juízos de fato e de valor, elas ignoravam quais eram as razões por valorizarem ou desprezarem certas coisas, apenas aceitando como fatos os valores ensinados pela sociedade. Com os questionamentos de Sócrates, portanto, se iniciou a reflexão sobre os valores e, portanto, o surgimento da filosofia moral, a ética.

Dentre os diversos estudos éticos de diferentes filósofos durante a história da humanidade após Sócrates, um que se destaca é Kant (1959), que propõe uma ética fundamentada sob três princípios (a que chamou de Imperativo Categórico): o da universalidade, segundo o qual toda e qualquer ação deve inspirar por sua própria essência a universalização de sua manifestação; o da finalidade, de acordo com

o qual a humanidade, tanto por parte daquele que age como daqueles em função dos quais se age, deve sempre ser respeitada como finalidade, nunca como meio que a coisifique; e o da autonomia, em que se deve agir exclusivamente a rigor da própria vontade, de modo imparcial e livre como legislador se si mesmo.

Contribuindo ainda, Kant ressalta que a ética é amparada por um regulamento, a lei moral, cujas regras são proporcionadas pela razão e legitimadas na liberdade com que a racionalidade permite agir, implicando na conclusão de que se pode conhecer aprioristicamente a moral que sustenta as ações, dispensando-se para tal ofício a necessidade de experiência.

Ademais, segundo Kant (1959), o sentido ético das ações só é satisfeito na condição de dever, independentemente das circunstâncias, pois qualquer atitude por piedade, por exemplo, não tem valor moral porque é hipotética, ao contrário daquelas motivadas pelo dever, que têm caráter absoluto, incondicional.

Na mesma medida em que seres irracionais são movidos por necessidades naturais, conforme Kant (1785), para os seres racionais a liberdade é o que lhes promove a efetividade da ação a rigor da capacidade que têm de raciocinar e ponderar. A obstinação do desejo, no indivíduo, como manifestação primordial de sua existência, é que representa sua vontade, por cujo agir, constituído à luz da razão, justifica-se a liberdade nas escolhas que se faz, a que Kant (1785) chama autonomia. Sendo, então, a própria liberdade uma manifestação paralela ao instinto, ela se explica na capacidade de julgamento, na possibilidade de transformar mediante os recursos de que se dispõe que, embora variados entre si, são indispensáveis à comprovação da vida, pressupõe-na.

Em oposição a Kant, Lobosque (2010) afirma que a concepção de ética de Nietzsche é simples e clara; a vida do homem consiste na vontade de poder. Os Homens mais elevados são os que são capazes de se autosuperarem, quebrando as tradições que os prendem. A ética de Nietzsche obedece ao impulso vital, porque o homem como ser da natureza, luta pela sobrevivência, combate para crescer, tornar-se predominante, não a partir de qualquer moralidade ou imoralidade, mas porque é um ser vivo e porque a vida é simplesmente vontade de poder.

Nietzsche ainda afirma que existem dois tipos de moral, segundo Matilde (2010): a mo-

ral dos senhores e a moral dos escravos. A moral dos senhores consiste na força de vontade, ela adota o bem como algo que deve ser assim considerado pela utilidade, e não apenas por habitualidade, tendo como essência um valor de nobreza. É a moral do homem forte de espírito que se põe ao serviço de sua autossuficiência, construindo seus valores independentes daquelas aceitáveis para o outro, sempre seguindo suas vontades. Se para Nietzsche a moral dos senhores, a qual ele chama de moral nobre, nasce de um triunfante, rico e poderoso, a moral dos escravos nasce de um ressentido, sobre a qual ele utiliza os sacerdotes como exemplo. Os sacerdotes por serem fracos e impotentes invertem a moral, afirmando que “Os miseráveis somente são bons, apenas os pobres impotentes, os sofredores, feios doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados”. Será a partir deste modo de valor que se criará os valores “bom” e “mau” fundamentando assim a moral escrava: como se por a serviço dos outros, adotando o bem como algo habitual, tendo como utilidade colocar o indivíduo em prol da sociedade e de outras pessoas. É a moral dos fracos, abrindo mão de si e colocando o seu meio em primeiro lugar, colocando-se como escravo dos preceitos e intenção dos outros.

Com esses conceitos postos, far-se-á possível a compreensão do direito e das leis. Reale (2002) explica que as leis são um conjunto de normas e regras obrigatórias que garante a convivência social graças ao estabelecimento de limites à ação de cada um de seus membros. Todas essas regras, quaisquer que sejam, religiosas, morais, jurídicas ou de etiqueta, são evidentemente emanadas ou formuladas, da ou pela sociedade, com a finalidade de que sejam cumpridas. Não existe regra que não implique uma certa obediência, certo respeito. As leis são criadas por modelos preexistentes de normas assim como citado pelo autor que subdivide em ética ou norma ética (moral, política, religiosa, jurídica etc.). As formas de garantia do cumprimento das regras denominam-se sanções.

Segundo o autor, a sanção é, pois, todo e qualquer processo de garantia daquilo que se determina em uma regra. As sanções apresentaram-se tantas formas de garantia quantas são as espécies dos distintos preceitos. Um exemplo pode ser as regras morais. As regras morais são cumpridas por motivação espontânea. Mas, quando as deixamos de cumprir, a desobediên-

cia provoca determinadas consequências, que valem como sanção.

EXISTENCIALISMO

De acordo com Schneider (2011), a liberdade é uma condição ontológica factual do homem, porém ela não significa “obter o que quer”, mas, sim, “autonomia de escolha”. Ela sempre se dá em situação, ou seja, tem que se relacionar com aquilo que está “dado”, com o mundo já anteriormente significado, existindo em uma estrutura de escolha. Por isso, a liberdade não é gratuita e arbitrária, o sujeito é responsável por como enfrentar a situação. “O essencial não é aquilo que fizeram de nós, mas sim aquilo que nós mesmos fazemos do que fizeram de nós” (SARTRE³ apud SCHNEIDER, 2011).

Schneider (2011) explica que a fenomenologia é essencial para a psicologia sartreana. Este método filosófico descritivo foi criado por Husserl, iniciando pelo conceito de fenômeno, que rompe com as teorias idealistas da filosofia, pois elas acreditavam que havia uma realidade (essência) oculta por trás das aparições para os sentidos. A ideia de fenômeno significa que a aparição do ser transparece a essência deste, ela remete à série total das aparências, assim a existência deixa de esconder a essência, passando então a revelá-la. Husserl, em sua teoria, também criou o princípio da intencionalidade, que postula que “toda consciência é consciência de alguma coisa” e “o objeto é sempre objeto para a consciência”, significando que os fenômenos necessitam da consciência apreendendo a realidade bruta para existirem, e aquela não existindo separadamente desta.

Erthal (2013) descreve que, somados aos conceitos de fenômeno e intencionalidade, a fenomenologia também se utiliza do método chamado epoché, ou redução fenomenológica. Essa é o método de descrever os fenômenos exclusivamente como eles aparecem para a consciência intuitivamente, eliminando todos os atributos exteriores, como os juízos da pessoa que faz a descrição.

Sartre, segundo Schneider (2011), criou uma psicologia partindo de sua ontologia, muito inspirada na fenomenologia, que define o polo de objetividade em-si, que é a realidade bruta, e o polo de subjetividade para-si, que é a consciência. Esta não é substância e não tem interior,

³SARTRE, J. P. Saint Genet: ator e mártir. Petrópolis: Vozes, 2002.

é pura relação com coisas transcendentais, não existe independentemente delas, criando a relação dialética entre, respectivamente, o ser e o nada.

Entendendo isso, continua a autora, não existe uma natureza humana, uma essência universal do homem, mas há uma condição humana, um conjunto de limites que definem a situação do homem. Ele é em-si-para-si, corpo e consciência, e totalização sempre em curso, pois não há síntese final. Em seu próprio fundamento, ele busca ser causa de si mesmo, “projeto de ser Deus”, mas que é um fracasso, pois nunca consegue se totalizar. O homem é possibilidade, pois ao questionar-se, transcende as situações em rumo de seus possíveis, que é o fundamento da liberdade, a autonomia de escolha. O projeto é aquilo que o homem busca ser, que se constrói na sua história de relações, portanto sua existência precede a sua essência.

Conforme explica Sartre (2011), toda ação é intencional, ou seja, quando alguém faz algo por acidente, ele não agiu, mas também não significa que sempre devam ser previstas todas as consequências de um ato. Para esta ação intencional, a liberdade é uma condição indispensável ao ser atuante, pois significa para ele a possibilidade de efetuar uma ruptura com seu próprio passado e fazer dele o móbil (ou motivo) de sua ação.

O autor afirma que esta ação, por sua vez, é voltada para um futuro, que é exclusividade do para-si, pois não há passado nem futuro como fenômeno vindo do em-si, somente na realidade humana é que ele se revela. Ele anuncia o que a pessoa é a partir do que ela será, e é a contínua possibilização dos possíveis como sentido do para-si presente.

“É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade (...) na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão” (SARTRE, 2011). Dessa forma, a angústia resulta da revelação da nossa própria liberdade sem peias, limitada apenas por si mesma, fonte absoluta de todo sentido. Mas esta liberdade “só é descoberta reflexivamente, quando, engajado no mundo, em vez de realizar meus possíveis (se se quiser, meus fins ou meu futuro), eu os aprendo como meus” (MOUTINHO, 2003).

O homem tem medo da liberdade. Para muitos seres humanos a liberdade gera a angústia. Muitos não suportam esta angústia e para

não assumir a liberdade, fogem dela. São incapazes de escolher. São homens da má-fé. A má-fé é a atitude característica do homem que não é capaz de escolher. Este tipo de homem aceita passivamente sua situação, pensa que sua vida é assim porque Deus quis e que não pode mudar seu destino. Ele aceita os valores, normas e regras da tradição passivamente sem nunca refletir sobre elas. Ele engana a si mesmo e pensa que é dono de seus atos (SOUZA, 2010).

Erthal (2013) informa que, para Heidegger, o ser precisa escolher sempre entre a autenticidade e a inautenticidade para sua existência. A existência inautêntica, oposta à autêntica, acontece quando a pessoa não diferencia o plano humano da possibilidade (ontológico) do plano das coisas, dos entes que não se projetam (ôntico), e caracteriza-se pela dependência e suspensão da sua responsabilidade de escolha em detrimento de seguir uma norma comum, agindo de acordo com o que dizem ser certo e errado, obedecendo a ordens e proibições sem indagar suas origens ou motivações.

Souza (2010) descreve que em nossa época é notório que o homem moderno não escolhe autenticamente a vida que quer levar. Ele assume compromissos sociais, morais e religiosos que geralmente não pode cumprir. Por escolher mal ele paga um preço muito alto, pois não consegue se libertar de suas escolhas e fica angustiado. Para Sartre, a angústia surge da consciência de nossa liberdade, surge da responsabilidade por nossos atos.

Segundo Morais (2012), a relação comprometida do homem com o outro é tratada em toda a obra de Sartre como um fato inerente à liberdade, pois toda escolha é comprometida por fazer parte do projeto original, alinhando o compromisso à responsabilidade que cada um carrega consigo, nossa responsabilidade engaja a humanidade inteira. Neste sentido, a escolha pelo projeto é um compromisso existencial, e fugir deste projeto de ser aquilo que se escolhe ser, ou seja, do projeto de liberdade, não é possível ao homem. Isto o angústia.

Afirma ainda Morais (2012), que no existencialismo sartreano não há moral abstrata, como a moral da boa consciência, capaz de ser moral mesmo numa situação imoral. Sartre insiste em que há somente uma moral de situação, portanto, uma moral concreta. Frente a uma determinada situação concreta, nenhuma moral estabelecida é capaz de nos dizer o que

devemos fazer. Sartre exemplifica com o dilema do estudante que se encontra diante de duas alternativas: cuidar da mãe ou ir para a guerra. É o próprio indivíduo, em sua solidão, que deve escolher qual possibilidade seguir. Sua escolha orientada pela liberdade é que vai definir o que é melhor para ele.

Segundo Schneider (2011), o indivíduo está inserido em um dado espaço social: todos os seres humanos nascem com amarras sociais, nascendo em um determinado local com sua cultura, seus valores específicos, em um certo tempo e numa dada classe social, com suas condições materiais, produtivas, ideológicas, em uma certa família. Isto tudo sendo constituinte da personalidade humana. Esta inserção se dá mediante uma rede sociológica, ou seja, das pessoas mais próximas, assim é comum ver crianças, por exemplo, que se parecem muito com os avós na sua maneira de ver algumas coisas, com o pai fisicamente, com a mãe nisso ou naquilo.

A autora ainda afirma que o processo das primeiras relações é definidor da construção da personalidade do sujeito, as nuances do relacionamento cotidiano com o outro vão possibilitando ao sujeito forjar seu ser. A estrutura das famílias, dos grupos primários a que o sujeito pertence, é interiorizada pela criança em atitudes e reexternalizadas em práticas, pelas quais ela se faz ser aquilo que fizeram dela, construindo assim sua imagem.

Segundo Borges et al. (2009), o existente humano, sendo nada, tem o desejo, no determinado sentido o qual busca preencher o vazio, porém sem se perder como consciência. Portanto, estabelece um projeto de Ser, sua meta principal, este permeando sempre as escolhas do indivíduo. Porém, este projeto não é imutável, pode ser alterado ao longo da existência do Ser. Este projeto não é o tempo todo cognoscente, implicando assim que não estamos cientes do mesmo o tempo todo. Também não é algo que precede as ações, ele é concomitante, sendo responsável por não agirmos de forma incoerente e aleatória. (PERDIGÃO⁴ apud BORGES et al, 2009)

Este ser-para-si, o nada, busca a todo o tempo preencher seu vazio com coisas, a fim de agregar conteúdos por meio da posse, pois, ao possuir algo, ele se apresenta ao ser como parte

do para-si, "assim, podemos determinar o projeto fundamental de cada pessoa pelos objetos que ela escolheu possuir" (PERDIGÃO² apud BORGES et al, 2009)

Como pontuado por Borges et al (2009), este projeto que orienta as ações do Ser pode ser dividido em dois momentos: o primeiro deles, que é construído pelo sujeito desde a infância como citado anteriormente, lidando com seu redor, carente de liberdade e autenticidade, é elaborado sobre influência do projeto dos pais, o que os pais projetaram para este indivíduo. Já o segundo é estabelecido em resultado de uma conversão radical, no qual o indivíduo corrompido, inautêntico, precisa resgatar-se, assumir seu projeto de uma forma consciente. Os projetos ou ações do indivíduo são decorrentes desse projeto orientador. Logo, se permanece projeto inautêntico e irrefletido, o que se segue são apenas expressões refletidas.

A PRÁTICA PSICOLÓGICA

Erthal (2013) diz que a relação terapêutica se caracteriza pelo encontro autêntico, pois utiliza o relacionamento interpessoal para estimular o crescimento pessoal. Os sujeitos desajustados geralmente estabelecem relações inautênticas, portanto o terapeuta é um participante ativo na busca da compreensão do cliente, que deve trocar ideias e questionar valores e metas pessoais. O principal objetivo então é aumentar o potencial de escolha, ajudar o cliente a se responsabilizar pelos riscos de suas ações, utilizar suas capacidades e se autogerir. O processo terapêutico geralmente divide-se em três etapas:

Primeiro, o cliente geralmente não se vê como responsável pelos problemas descritos, ele limita-se a descrever os fatos, o conteúdo sendo desorganizado. Segundo, então se descobrem novas formas autênticas de existir, questionam-se os valores e surge uma busca daquelas mais condizentes com si mesmo. Terceiro, por fim, essas novas formas de ser somam-se às antigas, porém autênticas, resultando em um novo estilo de vida, o cliente desvenda melhor sua personalidade e reconhece sua capacidade para resolver seus problemas.

Nesse contexto, a autora destaca que o psicólogo tem um papel muito importante em aceitar e ser confiável para o sujeito, formando um encontro caracterizado "pelas atitudes de aceitação incondicional, compreensão empática

⁴PERDIGÃO, P. Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM. 1995.

e respeito pelo cliente enquanto pessoa” (ERTHAL, 2013, p. 86), que acarreta em liberar a pessoa a experimentar o seu próprio ser. É necessário compreender o cliente em suas limitações emocionais e potencialidades, para isso o terapeuta deve ser autocongruente, transparente, sensível às relações humanas e envolver-se com o cliente como pessoa total. O psicólogo também não tem como deixar seus valores do lado de fora da relação, ele precisa reconhecer os valores do seu mundo interno, sendo autêntico, e diferenciá-los daqueles que expressam julgamento e avaliação, não deixando-os contaminar a relação, pois caso contrário ele não estaria aberto à experiência daquele encontro. O terapeuta é uma pessoa e não deve sair desse papel para viver o do cliente, se identificar, ele deve compreender o que ocorre com o cliente como se fosse ele, mas sem deixar de ser a pessoa que é, mostrando ao sujeito que ele tem um lugar próprio, diferente do lugar do terapeuta. Essa é a compreensão empática.

Erthal (2013) descreve três passos para o psicólogo compreender um sujeito no método chamado regressivo-progressivo, sendo o primeiro deles a realização da epoché. Ao compreender as percepções que o cliente tem de seus próprios problemas pela redução fenomenológica, inicia-se o segundo passo, que é o movimento analítico-regressivo, uma regressão à história do sujeito, não com o objetivo de buscar causas determinantes do comportamento, mas, sim, compreender a sua história que é revivida no presente mediante seus projetos de vida (e também entendendo a época e a estrutura social em que ele se insere) mediante a da última etapa, que é o movimento progressivo-sintático. Ele busca ir do passado para o presente para redescobrir este, elucidado pelo processo fenomenológico, percebendo os fins dos seus atos e projetos, valorizando o futuro (projeto) e o passado (história) conforme eles atuam no presente. Assim se chega ao irreduzível, ao projeto original, acompanhando a vida da pessoa desde sua história passada até as últimas consequências de sua vida.

Ao mesmo tempo que se explica o indivíduo, por exemplo, pela época e a estrutura social em que vive, explica-se estas pelos seus projetos existenciais, isto é, pelas práxis individuais. O método, portanto é analítico-sintático: é um vaivém contínuo e autoesclare-

cedor. (MACIEL⁵ apud ERTHAL, 2013, p. 82)

Segundo Yalom (2006), alguns clientes dizem que não podem agir por não saberem o que querem. Nestes casos, tentar-se-á auxiliá-los a localizar e sentir seus desejos. Muitos clientes têm conflitos na sua intimidade e obtêm auxílio na terapia simplesmente por vivenciar um relacionamento íntimo com o terapeuta. Isto posto, o ato de se revelar inteiramente a outro e ainda ser aceito pode ser o principal método de ajuda da terapia.

Teixeira (2006), levando em conta que não existe uma, mas, sim, várias propostas da psicoterapia existencial, diz que apenas podem delimitar-se objetivos gerais, sendo eles:

Facilitar ao indivíduo uma atitude mais autêntica em relação a si próprio. Neste ponto, o conceito de autenticidade assume sua importância central, trata-se de um processo gradativo de autocompreensão com o intuito de o sujeito vir-a-ser mais verdadeiro e coerente consigo. O psicólogo tem de procurar promover uma abertura cada vez maior das perspectivas do cliente em relação a si próprio e ao mundo. Esta abertura, que consiste num trabalho sempre focalizado na relação do indivíduo consigo próprio, pode ser feita mediante uma facilitação da autoavaliação das crenças, valores e projetos (TEIXEIRA, 2006).

Corroborando com a ideia anterior, o autor apresenta como propostas da psicoterapia clarificar como agir no futuro em novas direções. Ou seja, facilitar uma abertura a novas possibilidades de vir-a-ser, diferente das desenvolvidas até aí, mas de acordo com seu projeto. Facilitar o encontro do sujeito com o significado de sua existência, tendo como ponto de partida promover o confronto e a reavaliação da compreensão que a pessoa tem de sua vida e dos limites impostos ao seu estar-no-mundo.

Promover o confronto com e a superação da angústia que emerge dos dados da existência, nomeadamente da inevitabilidade da morte, da sua liberdade da escolha situada, da solidão e da falta de sentido em sua vida. Em síntese, trata-se de facilitar ao cliente um desenvolvimento de maior autenticidade em relação a si e uma maior abertura de suas expectativas e perspectivas. (TEIXEIRA, 2006).

⁵MACIEL, L. C. Sartre: vida e obra. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Entre os dias vinte e oito de julho e cinco de agosto de 2014 foi realizada a pesquisa de campo, em que foram aplicados quarenta questionários propostos a pessoas aleatórias com o único requisito de possuir o segundo grau completo. Os entrevistados, dos quais trinta responderam à pesquisa quantitativa e dez à qualitativa, tiveram que escolher como agiriam em cinco determinadas situações. Nos questionários de múltipla escolha, havia duas opções: agir de acordo com a moral e a ética kantiana ou de acordo com o que traz vantagem para si. As respostas dos questionários abertos também se encaixaram nessas duas concepções, apesar de alguns descreverem certas condições e hipóteses analisadas a seguir. As questões estão descritas no anexo A deste artigo.

Na questão que refletia sobre a devolução do dinheiro para o banco caso recebessem R\$10.000 ao fazer um saque de R\$100, apenas onze ficariam com o dinheiro, enquanto os outros vinte e nove devolveriam. Explicaram que devolveriam porque querem ser honestos, não ficariam com a “consciência pesada” e o dinheiro não foi conquistado pelo seu trabalho. Um respondeu que iria devolver, mas depois ficaria frustrado por não ter ficado com o dinheiro. Dois disseram que ficariam com o dinheiro porque a quantia não significa nada para o banco, enquanto outro devolveria “por mais que não fizesse falta para o banco, poderia ser dinheiro de outra pessoa e fazer falta para esta” e outro porque alguém seria punido pelo erro.

Ao questionamento sobre a possibilidade de estarem desempregados, terem um cônjuge muito doente e cinco filhos pequenos entre um e sete anos de idade, e receberem uma oferta de emprego desonesto em que deveriam cometer irregularidades para beneficiar o patrão, vinte e cinco aceitariam o emprego, e quinze não. Justificaram que aceitariam, porque colocam a sua família acima da honestidade e legalidade, que aceitariam enquanto não encontrassem outro emprego, mas depois largariam dele; ou que não aceitariam porque agem de acordo com o que a sociedade quer, não querem ser desonestos ou perder a dignidade e ficariam com “peso na consciência”.

Na hipótese de seu(a) melhor amigo(a) roubar uma peça de roupa e o segurança o(a) vir, vinte e dois entregariam os dados dele(a),

enquanto dezoito mentiriam que não conhecem a pessoa. Disseram que entregariam porque a pessoa deve arcar com as consequências dos seus atos, por não achar isso certo e para tentar evitar que ele(a) voltasse a cometer crimes. Os outros mentiriam e tentariam convencer a pessoa a devolver a roupa e não fazer mais isso.

Quanto à indagação: se fossem soldados em uma missão secreta e uns pastores de ovelhas os vissem, assim havendo a possibilidade de eles contarem para o exército inimigo sobre a sua presença e eles retalhem lançando bombas atômicas no Brasil, vinte e seis soltariam os pastores e catorze os matariam. Segundo eles, os soltariam porque não aguentariam o sofrimento de ter matado alguém, por acreditarem que os pastores sofrem com o governo e veriam os brasileiros como uma libertação, não teriam “sangue frio” para matá-los; ou então tentariam alternativas como deixá-los amarrados até o fim da missão para libertá-los depois. Os demais matariam porque priorizam a segurança de suas próprias famílias e por pensarem que “uma vida é insignificante perante às de milhões”.

Ao serem perguntados sobre caso sua mãe estivesse com câncer em fase terminal e a eutanásia fosse legalizada no Brasil, trinta deixariam ela morrer em coma induzido tranquilamente, nove a tirariam do coma para poder passar os últimos dias com ela e dizer suas últimas palavras, e um não sabia responder. Eles autorizariam a eutanásia porque sua prioridade, em geral, seria reduzir o sofrimento dela. A única explicação para tirá-la do coma induzido foi de que “acredito eu que as coisas têm um tempo, este que muitas vezes não dependem de nós”.

Observa-se uma tendência de a maioria das respostas serem direcionadas à moral e à ética kantiana, exceto pela segunda pergunta, em que a maioria escolheu aceitar o emprego desonesto para proteger a sua família. Porém, também se percebe uma falta de consistência em quase todos os questionários. Apenas uma pessoa escolheu todas as opções em que teria vantagem para si próprio, apenas outra pessoa escolheu todas as opções moralmente e eticamente corretas, quatro pessoas escolheram estas também, porém acordariam a mãe do coma na última situação, enquanto outro havia escolhido as opções eticamente corretas mas não soube responder a última. Todos os demais alternaram entre opções eticamente corretas, e incorretas com diferentes frequências.

Para entender essa contradição, um fator a se analisar é como nenhuma das respostas em prol da moral foi além do senso comum de argumentos como não poder ser desonesto, que o dinheiro tem de vir do seu trabalho, que se deve agir como a sociedade e as leis querem, e ainda assim muitos se contradizem ao colocar a família acima de tudo isso e agir desonestamente para ajudá-la, e com um entrevistado admitindo que devolveria o dinheiro para o banco, mas se arrependeria depois. Apresenta-se a situação observada por Sócrates (segundo Chauí, 2000): as pessoas confundem juízo de fato e de valor, acham que qualidades morais são autoevidentes e não há espaço para questionamento, agem conforme a sociedade ensina sem refletir. Esse é o processo que Heidegger, segundo Erthal (2013), chamou de inautenticidade: seguir uma norma comum, obedecendo a ordens e proibições sem indagar suas origens ou motivações.

Bagini (2006) afirma que pouquíssimas pessoas devolveriam o dinheiro para o banco se recebessem R\$10.000 ao fazer um saque de R\$100. Como algumas das respostas exemplificaram, parece que ninguém sai ferido, que o banco é uma entidade com muito dinheiro sobrando e esse erro não mudará nada para ele. Assim, alguns outros disseram que devolveriam o dinheiro por acreditarem que um cliente ou funcionário sairia perdendo. Porém, na pesquisa a maioria afirmou que devolveria o dinheiro, portanto existe a possibilidade de eles terem mentido, mesmo não havendo qualquer tipo de consequência se eles respondessem para as perguntas que agiriam para vantagem própria. Essa atitude seria uma expressão da própria inautenticidade, pois Erthal (2013) diz que quando a angústia se apresenta numa situação de comunicação, nesse caso porque falar sobre os valores morais inquestionados é angustiante, o indivíduo pode tentar reduzir essa sensação desagradável mediante o emprego de palavras para ocultar-se de si mesmo e dos outros.

Em uma diferente interpretação, para Kant (1959 e 1785), tomar atitudes para beneficiar a si próprio significa seguir os instintos naturais do ser humano e não exercer sua liberdade para a capacidade de julgamento, esta pela qual ele chegou aos princípios do Imperativo Categórico, que fundamentam uma lei moral racional. Contrariamente, Nietzsche, afirmam Lobosque (2010) e Matilde (2010), diria que o homem naturalmente luta por sua vontade de poder, que age

conforme o que lhe é útil (moral dos senhores), e que a moral e a ética kantiana são uma moral dos escravos: viver a serviço dos outros, colocando a sociedade e as outras pessoas acima de si próprio.

Enquanto essas duas concepções identificam-se por considerarem a existência de uma natureza humana, Sartre (2011) nega completamente a existência desta. Conforme Schneider (2011), ele define a consciência como o nada, o para-si, que se relaciona com a realidade, o em-si, fazendo escolhas em sua história de relações com o mundo e definindo os seus projetos, que são aquilo que o homem busca ser, e assim o autor afirma que a essência de cada pessoa é definida após a sua existência e não anteriormente. A liberdade não se dá em escolher apenas entre uma natureza humana e uma moral, mas sim em uma autonomia de escolha que transcende as situações em rumo de seus possíveis, sendo esta uma condição ontológica factual do homem.

No contexto ético e moral, explica Morais (2012), isto implica em como nenhuma moral estabelecida é capaz de dizer para as pessoas o que fazer, não existe uma moral abstrata que permeia todas as situações, mas uma moral situacional, na qual o próprio indivíduo deve escolher qual possibilidade seguir. Suas escolhas são comprometidas com seus projetos, estes alinhados com seu projeto original, e, explica Schneider (2011), elas sempre acontecem em situação, com um mundo já significado antes da pessoa o fazer, por isso elas não são arbitrarias e inconsequentes. Assim, a angústia surge, pois é um sentimento decorrente da revelação da própria liberdade, na qual o homem é responsável por aquilo que faz.

Na pesquisa realizada, os entrevistados fizeram escolhas diferentes para diferentes situações, não seguindo um mesmo sistema ético em todas as situações, mas considerando-as individualmente. Devolver o dinheiro ao banco, mas ser desonesto para salvar a família, demonstra os projetos dos entrevistados. Eles não dariam tanto valor para os R\$10.000, assim eles prezaram pelo que consideram moralmente correto, mas, por dar muita importância à família, a escolha para salvar esta ser contra essa moral foi um dilema angustiante, no qual a maioria dos entrevistados foi antiética. Quanto a entregar o amigo que roubou, mesmo aqueles que mentiriam ainda dariam algum valor à moral, pedindo

para o amigo devolver a peça roubada e não fazer mais isso. Na missão militar, a maioria tentaria não matar os pastores e ainda assim salvar seu país e sua família, seja acreditando que os pastores não contariam sobre eles, ou deixando-os amarrados até o fim da missão; enquanto os outros priorizariam a família em detrimento à vida dos pastores. Quanto à mãe em coma, apenas uma pequena parcela rejeitaria a eutanásia, mas houve apenas um entrevistado da pesquisa qualitativa que escolheu essa opção, tornando os dados inconclusivos.

Em todo esse processo, como pode a psicologia ajudar? Lançando mão dos princípios descritos por Erthal (2013), sobre o papel e a postura do terapeuta, as características da relação terapêutica, as etapas da terapia, o método progressivo-regressivo, entre outros, a terapia busca capacitar o cliente a utilizar suas próprias capacidades e se autogerir, bem como aumentar o potencial de escolha, ou seja, ajudar a buscar novas possibilidades de existir e agir. Teixeira (2006) diz que um objetivo da terapia é clarificar como agir no futuro em novas direções, a abertura a novas possibilidades. Nos dilemas angustiantes em que o mundo já anteriormente significado apresenta valores que destoam dos projetos do homem, é necessário escolher. Se não existe uma natureza humana, agir pela moral, pela ética kantiana, pela ética nietzschiana ou por qualquer outra possibilidade é uma escolha, e só o próprio sujeito pode decidir o que fazer, mas o terapeuta pode auxiliá-lo fazendo-o ver essas diferentes escolhas possíveis que podem trazer resoluções para os dilemas. Por exemplo, se a pessoa quer viver pelo bem, mas a moral cultural destoa de seus projetos, a ética de Kant pode mostrar uma saída em uma moral racional, bem como a ética de Nietzsche pode tirar o “peso da consciência” daquele que quer agir por si próprio. Além de os dilemas não se limitarem a apenas duas escolhas, como exemplificado na pesquisa de campo por, entre outros, aqueles que amarrariam os pastores ao invés de matá-los ou soltá-los.

Para escolher entre aquilo que se quer e aquilo que a moral e a ética acham correto, é preciso saber o que se quer. Conforme Yalom (2006), existem clientes que não o sabem, e a terapia deve ajudá-los a localizar e sentir seus desejos por meio do relacionamento íntimo e de aceitação com o terapeuta. Similarmente, Teixeira (2006) afirma que a terapia deve facilitar o

encontro do indivíduo com o significado de sua existência e desenvolver a autocompreensão, sendo mais verdadeiro consigo.

Erthal (2013) diz que se deve responsabilizar o cliente pelos riscos de suas ações. Há de fazê-lo entender que escolher viver inautenticamente por uma moral na qual não reflete e não acredita traz sofrimento, pois inibe a realização dos seus projetos. Teixeira (2006) propõe que a terapia desenvolva a autenticidade e a autoavaliação das crenças, valores e projetos para a superação da inautenticidade. Na questão da responsabilização, também há de tornar o sujeito ciente das sanções, descritas por Reale (2002), que existem para fazer com que as leis sejam cumpridas, sejam de natureza moral, jurídica ou outras, pois elas podem ser consequências de suas ações.

Finalmente, escreve Teixeira (2006), a psicoterapia busca promover o confronto e a superação da angústia, que emerge da inevitabilidade da morte, da sua liberdade da escolha situada, da solidão e da falta de sentido em sua vida, mediante todos os meios aqui descritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ética busca estudar o fenômeno moral, que são os valores que as culturas estabelecem como certo e errado, e não estabelecer uma moral universal, mas ela pode fundamentar uma moral racional, de onde surgem duas teorias: de Kant e Nietzsche. Enquanto ambos partem da ideia de uma natureza humana para lados opostos, Sartre defende a inexistência de uma natureza humana, apenas de uma condição humana que delimita a liberdade, dentro da qual o homem possui uma autonomia para escolher quem ele é e como agir em suas relações com o mundo. Assim, existe uma moral situacional ao invés de uma abstrata, e somente o sujeito pode escolher que caminho tomar, por isso a pesquisa mostrou que em determinadas situações a pessoa agiria moralmente, mas em outras agiria para benefício próprio.

Percebe-se que a inautenticidade, o ato do sujeito fugir de sua responsabilidade para seguir normas ditadas a ele, é altamente presente nos dilemas éticos, fato levantado pela pesquisa de campo, em que os valores morais são considerados autoevidentes e sem necessidade de justificação.

A angústia é um sentimento inerente à li-

berdade, e não se deve fugir dela, pois isso leva a atitudes inautênticas e de má-fé, que acarretam na inviabilização de seus projetos. O correto é superá-la por meio de escolhas conscientes, buscando realizar seus projetos na liberdade situada. Dessa forma, observa-se que a psicologia pode auxiliar nesse processo, estimulando o cliente a buscar novas possibilidades de existir e agir, facilitando o encontro dele com o significado de sua existência e com os seus desejos, desenvolvendo a autocompreensão e a autenticidade, responsabilizando-o pelos riscos de suas ações e autoavaliando suas crenças, projetos e ações.

REFERÊNCIAS

- BAGINI, J. **O porco filósofo**: 100 experiências de pensamentos da vida cotidiana. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BORGES, A. T. et al. O conceito de liberdade no existencialismo sarreano. **Akrópolis**, Umuarama, v. 17, n. 1, p. 13-20, jan./mar. 2009. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/2838/2106>>. Acesso em: 16 abr. 2014.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- ERTHAL, T. C. S. **Trilogia da existência**: teoria e prática da psicoterapia vivencial. Curitiba: Appris, 2013.
- LOBOSQUE, A. M. **A vontade livre em Nietzsche**. Disponível em : <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-89LKLY/tese_cd_3.pdf?sequence=1>. Acesso em: 8 jun. 2014.
- KANT, I. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1959.
- KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1785.
- MATILDE, B. S. Moral de senhores e moral de escravos na filosofia de Nietzsche. **Cadernos de Graduação**, n. 08, 2010. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cadernosgraduacao/article/view/527/413>>. Acesso em: 07 ago. 2014.
- MORAIS, W. M. de. **A importância da escolha**: liberdade e responsabilidade em Sartre. Disponível em: <http://www.theoria.com.br/edicao10/a_importancia_da_escolha.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.
- MOUTINHO, L. D. S. **Sartre**: existencialismo e liberdade. São Paulo: Moderna, 2003.
- RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**: para alunos do curso de graduação e pós-graduação. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- REALE, M. **Lições preliminares de direito**. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- SANDEL, M. **Justiça**: o que é fazer a coisa certa. 12. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2013.
- SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: UFSC, 2011.
- SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos**: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SOUZA, M. **Sartre e a origem da angústia**. Disponível em: <<http://filosofonet.wordpress.com/2010/10/10/sartre-e-a-angustia-da-escolha/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- TEIXEIRA, J. A. Carvalho. Introdução à psicoterapia existencial. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, jul. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 abr. 2014.
- VÁZQUEZ, A. S. **Ética**. 35. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- YALOM, I. D. **Os desafios da terapia**: reflexões para pacientes e terapeutas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

AGOBIO ACERCA DE LOS DILEMAS ÉTICOS EN UNA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

RESUMEN: Este artículo ha buscado reflejar sobre el agobio que se presenta a las personas los dilemas éticos diarios y buscar formas por las cuales el psicólogo puede intervenir para auxiliar sujetos con esa dificultad. Tomando como punto de partida una investigación bibliográfica con lectura fenomenológica existencial, con el objetivo de definir conceptos de ética y moral, lo que es el agobio y como tales dilemas se presentan. De esto se aclarará por qué tales dilemas causan angustia, basándose en las ideas existenciales de Sartre, sobre libertad, escoja y proyecto de vida. Apropiarse de las ideas sobre ética de diferentes autores, para entonces definir como se presentan los dilemas éticos para cada ser. En un segundo momento se realizó una investigación de campo, presentando a las personas situaciones de dilemas éticos para entender como ellas hacen sus elecciones y por qué surge el agobio, se ha buscado también saber si la causa de esta es realmente ética o de una moral internalizada e incuestionada. Al concluir cómo funciona el proceso de angustia en los dilemas éticos, este artículo contribuye para el repertorio teórico de la Psicología y auxilia los psicólogos a buscar formas de intervenciones clínicas para esas situaciones.

PALABRAS CLAVE: Ética; Agobio; Elecciones.

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO QUANTITATIVO

UNIPAR – UNIVERDIDADE PARANAENSE

PREZADO(A)

Somos acadêmicos do curso de psicologia da Universidade Paranaense, campus Cascavel-Pr e estamos desenvolvendo, como trabalho de conclusão de curso uma pesquisa intitulada “Angústia acerca dos dilemas éticos”. Com o objetivo de contribuir com o tema estudado e confrontar o contexto teórico com o prático, solicito que responda este questionário procurando ser o(a) mais sincero(a) possível, não sendo necessária a sua identificação.

Não tenho dúvidas de que sua participação é fundamental para o sucesso deste estudo. Por isso, ciente de sua colaboração, antecipadamente esperando os meus agradecimentos e espero que os resultados deste estudo possam contribuir para dirimir dúvidas acerca do contexto abordado.

Dados Pessoais:

Nível de escolaridade:

1. Segundo grau completo
2. Terceiro grau completo
3. Terceiro Grau Incompleto

Sexo:

- a) Masculino
- b) Feminino.

Questionário:

Você vai ao caixa eletrônico do banco e pede um saque de R\$100, e recebe R\$10.000 (com um recibo de apenas R\$100).

Quando chegou em casa, conferiu seu saldo via internet e viu que não havia dívida de que apenas R\$100 haviam sido debitados de sua conta. Você guarda o dinheiro esperando que o banco te ligue quando perceber o erro. Mas passaram-se semanas e ninguém ligou. E sabe-se que para o banco, este dinheiro era uma gota em um oceano. O que você faria nesta situação? (BAGINI, 2006)

- A) Devolveria o dinheiro.
- B) Ficaria com o dinheiro.

Digamos que você seja um pai ou mãe de família desempregado(a) e seu cônjuge está muito doente e vocês têm 5 filhos pequenos, entre 1 e 7 anos de idade, e você recebe uma oferta de emprego que exige que seja desonesto e cometa irregularidades que beneficiem seu patrão. Sabendo que seu trabalho permitiria sustentar seus filhos e pagar o tratamento de saúde de seu cônjuge, existem 2 situações possíveis: aceitar ou não o emprego. O que você faria? (CHAUI, 2000)

- A) Aceitar o emprego e ser desonesto pelo bem da sua família.
- B) Recusar e ver seus filhos com fome e seu cônjuge morrendo.

3) Você e seu(a) melhor amigo(a) estão em uma loja de roupas muito grande e você percebe que ele(a) pegou uma peça de roupa e vestiu por baixo da que estava usando e saiu da loja. O segurança, que viu a ação, questiona você para saber o nome e o endereço do(a) seu(a) amigo(a). O que você faria? (CHAUI,

2000)

A) Entregaria os dados do(a) seu(a) amigo(a).

B) Se negaria a entregar, falando que não conhece aquela pessoa.

4) Vamos dizer que você é um soldado do exército brasileiro e está em uma missão em um país estrangeiro. Essa missão consiste em entrar em uma base militar no Afeganistão e matar um líder, o qual possui armas nucleares, e ainda afirma que ira lançá-las no Brasil, aonde vivem seus familiares. Mas nesta missão um imprevisto acontece: você e seu grupo foram vistos por alguns pastores de ovelhas, mais exatamente um homem de não mais que quarenta anos e seus dois filhos, que têm entre dez e sete anos. O código militar é muito claro nestas situações: neutralizar a ameaça, ou seja, assassinar aquelas pessoas, pois você não sabe se eles estão do lado do líder afegão e, se sua missão for comprometida, as bombas serão lançadas no Brasil. A situação torna-se clara: assassinar as duas crianças e o adulto, ou torcer para que não contem para o líder afegão. Lembrando que as vidas de seus familiares e conhecidos estão em jogo, qual seria sua escolha? (SANDEL, 2013)

A) Soltaria os prisioneiros, torcendo para que sua missão não seja comprometida e, mesmo que o líder não descubra sobre você e seu pequeno pelotão, que ele não decida de uma vez por todas lançar as bombas atômicas no seu país.

B) Eliminar a ameaça e certamente garantir o futuro de sua família.

5) Levantar-se-á uma situação em hipótese: digamos que a eutanásia é uma opção legal no Brasil. Sua mãe está com câncer em fase terminal e está sofrendo muito, com muita dor, e nenhum medicamento faz essa dor passar. Sua mãe, em um momento de lucidez antes de ser colocada em coma induzido por medicamentos, pediu para que você deixasse-a ir (morrer). O médico, sabendo disso, lhe apresenta as seguintes opções: deixar sua mãe morrer de uma forma tranquila e calma, ou deixá-la sair do coma induzido e morrer sofrendo e com dor. (CHAUI, 2000)

A) Deixaria sua mãe morrer sem você poder dizer as últimas palavras para ela,

mas ela morreria tranquilamente.

B) Pediria para tirar sua mãe do coma induzido para dizer tudo aquilo que você quer falar, e para passar os próximos dias com ela, mesmo com dor e sofrendo.

ANEXO B – QUESTIONÁRIO QUALITATIVO

UNIPAR – UNIVERDIDADE PARANAENSE

PREZADO(A)

Somos acadêmicos do curso de psicologia da Universidade Paranaense, campus Cascavel-Pr e estamos desenvolvendo, como trabalho de conclusão de curso uma pesquisa intitulada “Angústia acerca dos dilemas éticos”. Com o objetivo de contribuir com o tema estudado e confrontar o contexto teórico com o prático, solicito que responda este questionário procurando ser o(a) mais sincero(a) possível, não sendo necessária a sua identificação.

Não tenho dúvidas de que sua participação é fundamental para o sucesso deste estudo. Por isso, ciente de sua colaboração, antecipadamente estendo os meus agradecimentos e espero que os resultados deste estudo possam contribuir para dirimir dúvidas acerca do contexto abordado.

Dados Pessoais:

Nível de escolaridade:

1. Segundo grau completo
2. Terceiro grau completo
3. Terceiro Grau Incompleto

Sexo:

- a) Masculino
- b) Feminino.

1) Você vai ao caixa eletrônico do banco e pede um saque de R\$100, e recebe R\$10.000 (com um recibo de apenas R\$100).

Quando chegou em casa, conferiu seu saldo via internet e viu que não havia dúvida de que apenas R\$100 haviam sido debitados de sua conta. Você guarda o dinheiro esperando que o banco te ligue quando perceber o erro. Mas passaram-se semanas e ninguém ligou.

E sabe-se que para o banco, este dinheiro era uma gota em um oceano. O que você faria nesta situação? Devolveria o dinheiro ou ficaria com ele? Por quê? (BAGINI, 2006)

2) Digamos que você seja um pai ou mãe de família desempregado(a) e seu cônjuge está muito doente e vocês têm 5 filhos pequenos, entre 1 e 7 anos de idade, e você recebe uma oferta de emprego que exige que seja desonesto e cometa irregularidades que beneficiem seu patrão. Sabendo que seu trabalho permitiria sustentar seus filhos e pagar o tratamento de saúde de seu cônjuge, existem 2 situações possíveis: aceitar ou não o emprego. O que você faria, e por quê? (CHAUI, 2000)

3) Você e seu(a) melhor amigo(a) estão em uma loja de roupas muito grande e você percebe que ele(a) pegou uma peça de roupa e vestiu por baixo da que estava usando e saiu da loja. O segurança, que viu a ação, questiona você para saber o nome e o endereço do(a) seu(a) amigo(a). O que você faria? Entregaria o(a) seu(a) amigo(a) ou mentira? Por quê? (CHAUI, 2000)

4) Vamos dizer que você é um soldado do exército brasileiro e está em uma missão em um país estrangeiro. Essa missão consiste em entrar em uma base militar no Afeganistão e matar um líder, o qual possui armas nucleares, e ainda afirma que ira lançá-las no Brasil, aonde vivem seus familiares. Mas nesta missão um imprevisto acontece: você e seu grupo foram vistos por alguns pastores de ovelhas, mais exatamente um homem de não mais que quarenta anos e seus dois filhos, que têm entre dez e sete anos. O código militar é muito claro nestas situações: neutralizar a ameaça, ou seja, assassinar aquelas pessoas, pois você não sabe se eles estão do lado do líder afegão e, se sua missão for comprometida, as bombas serão lançadas no Brasil. A situação torna-se clara: assassinar as duas crianças e o adulto, ou torcer para que não contem para o líder afegão. Lembrando que as vidas de seus familiares e conhecidos estão em jogo, qual seria sua escolha? Por quê? (SANDEL, 2013)

5) Levantar-se-á uma situação em hipótese: digamos que a eutanásia é uma opção legal no Brasil. Sua mãe está com câncer em

fase terminal e está sofrendo muito, com muita dor, e nenhum medicamento faz essa dor passar. Sua mãe, em um momento de lucidez antes de ser colocada em coma induzido por medicamentos, pediu para que você deixasse-a ir (morrer). O médico, sabendo disso, lhe apresenta as seguintes opções: deixar sua mãe morrer de uma forma tranquila e calma, ou deixá-la sair do coma induzido e morrer sofrendo e com dor. O que você faria, e por quê? (CHAUI, 2000)

ANEXO C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Título da pesquisa: “Angústia acerca dos dilemas éticos”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar da pesquisa “Angústia acerca dos dilemas éticos”, realizada em Cascavel/PR. Esta pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso dos acadêmicos do quarto ano do curso de psicologia da UNIPAR- Universidade Paranaense, campus Cascavel/PR. Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como e por que surge a angústia no processo de escolha nos dilemas éticos e como o psicólogo pode intervir para auxiliar as pessoas nessas situações.

A sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: inicialmente foi realizado um estudo científico através de pesquisas bibliográficas acerca do tema apresentado e posteriormente a aplicação de questionário obtendo como benefício o confronto entre a teoria e o contexto prático vivenciado para uma maior compreensão do referido tema.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Informamos que o(a) senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação na pesquisa.

Caso você tenha dúvidas ou necessite

NICOLLI, A. T.; CAVALLI, R. O.; OGURA, L.

de maiores esclarecimentos pode nos contactar: Alexandre Trevisan Nicolli, (45) 8405-5590, litrydow@hotmail.com; Rafael Osorio Cavalli, (45) 9902-5378, healthfilmes@gmail.com; Larissa Ogura, (45) 9984-2326, laraogura@unipar.br; ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Paranaense - UNIPAR, na Rua Rui Barbosa, nº 611 - Centro, Cascavel – PR, ou no telefone: (45) 3321-1363. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Pesquisador Responsável
RG: 8.374.272-0/PR - RG: 7.762.848-7/PR
RG: 6.765.727-6/PR

Cascavel, _____ de _____ de 2014.

Eu, _____, fui devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa e concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____